



Muitos pesquisadores e autores encaram a evolução como uma força imperiosa, que se assemelha ao que alguns chamam de 'destino'

ENCONTRO NO LEVANTE

A pré-história dos humanos ainda está cercada de grandes mistérios. Isso ocorre principalmente porque há poucas evidências desse passado longínquo. A escassez de fósseis de nossos ancestrais faz com que, às vezes, as poucas amostras de ossos autenticamente antigos sejam supervalorizadas, tornando-se a base de hipóteses que ainda clamam por confirmação. Além disso, os argumentos usados para reconstruir o passado por vezes cedem aos preconceitos dos próprios cientistas.

Parece ser esse o caso de um fragmento de crânio humano, achado na caverna de Manot, em Israel – descoberta relatada na revista *Nature* (on-line, 28 de janeiro último) por Israel Hershkovitz, da Universidade de Tel Aviv, e colaboradores. A datação do material indicou que teria cerca de 55 mil anos. Os autores não têm dúvida de que o crânio é de um *Homo sapiens*, o que o torna protagonista de uma suposição instigante.

Sabe-se, por meio de sequenciamento de DNA, que os humanos atuais, exceto os da região abaixo do deserto do Saara, na África, contêm um pouco de DNA dos neandertais: algo entre 1% e 4%. Isso sugere que, entre 50 mil e 60 mil anos atrás, teria ocorrido miscigenação entre *H. sapiens* e *H. neanderthalensis*, uma interpretação aceita pela maioria dos paleoantropólogos. Os africanos não contam com essa porção de DNA neandertal porque, como surgiram e permaneceram na África, não tiveram oportunidade de se miscigenar com o grupo que deixou o continente, colonizou a Ásia Ocidental e a Europa e originou os neandertais. São admitidas hoje outras duas ondas migratórias: uma dirigiu-se a regiões mais ao leste, na Ásia, gerando os chamados denisovanos, e a outra, representada pelo *Homo heidelbergensis*, originou os humanos modernos.

Segundo Hershkovitz, o chamado povo de Manot, que teria habitado o Oriente Médio há 55 mil anos, poderia compor precisamente aquela população de humanos modernos que coexistiu com os neandertais. Embora essa interpretação seja compatível em ter-

mos cronológicos, é ainda muito tênue e prematura, carecendo de mais achados arqueológicos que possam confirmá-la. Uma análise genética do crânio de Manot poderia comprovar se aconteceu ou não o contato entre *H. sapiens* e *H. neanderthalensis*, mas os pesquisadores acham que será difícil extrair DNA dessa peça, já que, em razão das condições da caverna, o material genético provavelmente não foi preservado ao longo dos milênios.

Outro texto, no mesmo número on-line da *Nature*, traz um comentário relevante, que resume a ocasional propensão dos cientistas de fantasiar a história e imaginar cenários que frequentemente não se sustentam. O texto menciona que essa tendência se manifesta, no contexto evolutivo, obedecendo a quatro fatores. Em primeiro lugar, muitos pesquisadores e autores encaram a evolução como uma força imperiosa, que se assemelha ao que alguns chamam de 'destino'. Em segundo, há uma predisposição para acreditar que as espécies extintas são inferiores (por terem desaparecido) e, portanto, têm importância menor.

Esse último fator alimenta, em particular, uma das explicações para o ainda enigmático desaparecimento dos neandertais há cerca de 30 mil anos. Existem versões muito populares, nas quais *H. sapiens* e *H. neanderthalensis* teriam se enfrentado e os primeiros teriam eliminado os últimos. O DNA, porém, mostra que o confronto pode ter sido de outra natureza, pois decididamente houve coexistência e acasalamento. Na verdade, neandertais e humanos modernos conviveram no mesmo local por milhares de anos. Assim, a 'extinção' dos neandertais pode ter sido não mais que uma assimilação, cujo legado está literalmente em nosso sangue.

O terceiro fator é a noção de que a evolução implica progresso e que tudo caminha na direção do *H. sapiens*. Finalmente, há o grande problema, já citado pelo inglês Charles Darwin (1809-1882). Ele chamou a atenção dos paleontólogos para a raridade das amostras e pediu cautela: menos imaginação e mais fatos, por favor. **CR**

FRANKLIN RUMJANEK

Instituto de Bioquímica Médica, Universidade Federal do Rio de Janeiro
franklin@bioqmed.ufrj.br